

Jazz/Crítica

Milton, uma decepção na noite de Raul e Duke



Milton estrova a platéia, que tinha vibrado com George Duke e sua banda.

JOAO CARLOS COELHO

Não existe receita para uma boa Jam session. Pela própria ausência total de regras, esta experimentação coletiva de músicos que nunca tocaram juntos pode desembocar em música excelente ou caos completo. Assim se explicou a frustrada tentativa de Jam session no final da quarta noite do Festival Internacional de Jazz de São Paulo, embora todos demonstrassem bastante garra e vontade, o fato é que faltou um líder natural que conduzisse — exatamente como Mill Jackson fizera na noite anterior.

Assim, de nada adiantaram os esforços organizadores de Raul de Souza e Milton Nascimento. A banda, naquela altura, se constituiu de José Roberto, Wagner Tiso e George Duke (todos nos teclados), Toninho Horta (guitarra), Novelli (baixo), Mamão e Jim Capaldi (bateria) além de Danilo Caymmi (flauta) e Frank Rosolino. E o que se viu foi o caos: ninguém se entendia, Raulzinho quis por ordem na casa e abusou dos solos, Rosolino esforçou-se para ouvir o baixo colado em Novelli, para soprar algo, etc. etc. Isoladamente, porém, os conjuntos de Raulzinho, George Duke e Milton compuseram o show mais tremido deste Festival.

Talvez o clima final pudesse ter mudado radicalmente, pois parece que houve erro de previsão quanto à ordem de entrada dos músicos. Sem desmerecer nunca a importância e significação de Milton, o show deveria ter começado com ele, esquentado — em termos de aumento de decibéis — com Raulzinho, e explodido com George Duke.

Como esta não foi a sequência real, criou-se uma espécie de anticlimax o público, já aplaudindo de pé as últimas performances dos trombonistas, dançou para valer no estuante espetáculo de Duke e seus comandados e quando Milton entrou, houve um resfriamento na temperatura ambiente.

Além, o próprio Milton começou num pique altíssimo, exibindo-se muito descontraído, para aos poucos decair, em estado de espírito. Não custa contar que os portões do Alameda foram abertos no intervalo que antecedeu sua entrada. E alguns cal cularam em mais de 4.000 pessoas o número de presentes ao Palácio das Convenções, os menores espaços tomados, e se fez um silêncio absolutamente respeloso diante da arte e da voz, originalíssimas de Milton. O conjunto que o acompanhava reveleu, de certo modo, o Son Imaginario de outros tempos, com Wagner Tiso, Toninho Horta, Novelli, Roberthino Silva, acrescidos de José Roberto, Bertrams, Dani Caymmi e Mamão — embora os músicos sejam todos de primíssima linha, o seu global acabou doando um pouco a desfeira.

O clima de festa total aconteceu mesmo com o grupo de George Duke — um tecladista que já tocou com muita gente boa do Jazz e também com o Mothers of Invention de Frank Zappa, além de Airto e Flora Purin. Sua participação foi metulosa — mentalmente planejada — até um criulo se encarregou de anunciar-lhe bem ao estilo americano, repetindo a palavra Duke de menos umas cinco vezes. A paratemia de sintetizadores, órgão e piano elétricos por ele utilizados com muita competência bastariam para justificar sua platéia, — por exemplo, no longo blues que atacou sozinho.

O público se incendiou, entretanto, com o repertório de seu som: uma percussionista, bateria, baixo, guitarra, dois cantores e um cantor (com 96% de crioulos). O resultado foi devastador, pelo menos no gênero. Muita conversa com sua platéia, ritmos delirantes, e inclusive um magnífico proviso da percussionista nas tamboradas.

Ha em suas performances um sentido de espetáculo, de show biz, que cutuca o mais indifferente dos que as assistem. Aliás, seria ridículo a palavra certa. Mais correto seria dizer "participar", pois essa música feita de blues e paratemia eletrônica mexe com o espectador.

Deixei Raulzinho para fim de propósito: o que ele está tocando tanto no trombone de vara quanto em sua invenção, o soubazon, é absolutamente extraordinário. E, a consagração que a música lhe dispensou foi amplamente merecida.

Ele começou tocando no estilo do memorável sexteto Bossa Rio de Sérgio Mendes, cujo disco de 1962 marcou época na MPB (conjunto do qual, aliás, participou). A cozinha piano-baixo-bateria, formada por músicos paulistas, proporcionou perfeito background para a destreza, inventividade e força de toque de Raul, Rosolino, apesar de competentíssimo no trombone — pertenceu a banda de Stan Kenton nos anos 50 — foi enfiado pelo anfitrião. De fato, Raul parecia um leão no palco: em sua primeira apresentação ao público brasileiro depois de nove anos de ausência, estava disposto a massacar qualquer oponente.

Mas atenção: o incrível som exibido em "Stellaby Starlight" e principalmente "Cordeiro e rigorosamente o mesmo que Raulzinho cansou de tentar mostrar quando tentava sobreviver por aqui. Me contaram que Elis Regina, em entrevista ao Canal 2 num dos intervalos, foi arrebatada pela música murguinhão está aplaudindo e delirando com Raulzinho. Mas, antes, quando ele estava pastando no Brasil, ninguém lhe dava valor. Infelizmente, é mais um que precisa ir aos EUA para voltar consagrado.

Elis falou curto e grosso — mas foi corretíssima em suas palavras. O que ela não disse, e que ficou cristalino sobretudo na carne os sintomas de uma cultura e de um País inteiramente colonizado pela megalomania americana. Assim, só com a aval de minha experiência, posso afirmar que Raulzinho não tem consciência disso, pois parece ter muita consciência disso, pois quando agradeceu os aplausos, falava "muito obrigado" com um indistinctível sotaque americano.

A segunda parte de seu show foi com sua L. A. Band, quando ele mostrou seu som atual. Duz cantores, bateria, teclados e baixo compõem um produto pensadamente consensível no mercado americano. Talvez pela formação muito próxima da de Sérgio Mendes. Mas o fato é que Raulzinho criou num "sound" consensível por meio de platéias — inclusive a brasileira, que tem comprado em grande quantidade seu disco "Sweet Lucy". Foi com esta música que ele encerrou sua participação, com uma recepção fantástica da platéia. Afinal, todo domingo, o "Fantástico" do Globo utiliza o início de "Sweet Lucy" como próximo da apresentação dos gols da rodada. Corria no Hotel Eldorado, concentração dos músicos, organizadores e jornalistas que estão cobrindo este Festival, que Raulzinho iria passar a Globo por uso de sua música sem o respectivo pagamento dos direitos.

Apesar de ter garantido a sobrevivência com uma embalagem altamente vendável (o conjunto), e por isso muito didático, Raulzinho escolheu um caminho interessante: o conjunto, banal, apenas escora suas ideias criativas improvisadas. E o soubazon que inventou — uma espécie de combinação entre trombone de válvula e de vara — é um instrumento de som mais brilhante que o trombone e também dotado de agilidade bem maior.

O público de hoje é o seguinte: Quarteto de Victor Assis Brasil, Taj Mahal e grupo, e Sexteto de Stan Getz. O Zimbo Trio foi encalçado como penúltima atração para hoje.

Im novo cinema quer nascer em Salvador

JAIRO FERREIRA

Enviado especial

Salvador — Desde os primeiros dias deste 7.ª Jornada do Curta-Metragem, que termina hoje aqui em Salvador, alguma coisa pairava no ar e ninguém sabia o que era. Os racionalistas, evidentemente, fizeram tudo para argumentar essa situação, apontando-se numa velha argumentação discursiva que já não explica mais nada. Tendo a inteligência e a informação de primeiro grau, procuraram marginalizar o cinema de invenção, executando o que chamo de vôo rasante na cultura, ou seja, tentando canalizar tudo e todos em função de uma questão irritante, óbvia, redundante e já insuportável: a discussão em torno da conquista do mercado para o cinema brasileiro. Felizmente, essa basicidade foi ofuscada pelo chamado astral baiano, e, daqui para a frente, se quiserem continuar falando em mercado, terão que voltar ao futebol ao som de um conchicão hino baiano cantado por Gilberto Gil. A seguir, um bombardeio de imagens rápidas: o universo baiano transformado em capital do cinema mundial pela abordagem megalomaniaca do filme. Trata-se de um trailer" em Super 8, anunciando o lançamento de um filme de 16 milímetros chamado "Antropofagia Erótica". A locução e radiolôquia, como no dialeto da Luz Vermelha, de Rogério Sganzerla: "Depois de "O Universo Selvagem", eles voltam a atacar. Mais diânicos, mais jovens". E a seguir entra a música: "Nós somos jovens jovens". Não há nenhuma referência ao filme de Glauber Rocha "A Idade da Terra", mas sim a uma situação de homenagem e crítica à sua megalomania e também à megalomania brasileira em geral, e em particular a val por ali fora. Tudo isso assumido plenamente pelos produtores, que não mobilizaram multidões para participar das próximas filmagens em São Cristóvão.

Os debates, o astral continuou mudando. O coordenador, Iberê Cascaes, chegou perto de uma coisa que deveria ter acontecido desde o início da jornada, mas só agora está pedindo. Salvador é uma Rodésia cercada de braços por todos os lados. O que não agrada e essa postura "punk" desses garotos. Há uma certa juventude que nasce viciada porque neo-olhos. A antropofagia está comendo tudo, inclusive a economia do País. Por isso eu pretiro falar numa antropofagia política". Um rápido discurso logo rebatido pelo cineasta Marcos Serpige.

"A antropofagia érotica é um fato político. Eu estou falando de uma relação entre a antropofagia e a megalomania. Super 8 é bitola metralha, mas é megalomania. Não é o número 8, detido, é a projeção do infinito, de um astral mágico. Tenho pleno conhecimento dos movimentos deflagradores da cultura brasileira: do Modernismo, em 1922, o manifesto antropológico de Oswald de Andrade em 1928, chegando ao tema Novo Antropológico e agora o megalomaniaco neo-cinema novoismo que está emergindo neste 1978".

Os debates esquentaram demais, prosseguindo até duas horas da madrugada, quando as questões foram narradas tranqüilamente. Houve apenas uma tentativa isolada de um local que usou citar o nome de Gramsci e acusou de fanatismo esse novo movimento. Afastado esse mau fluído, afastada a tentativa de depressão, a conversa retomou o seu adagio libertário. O baiano virou realmente um combate de um lado, Zé Celso, o velho antropólogo de "O Rei da Vela", de outro, os novos antropólogos de "Super 8" e "Cinco", filme que encerrará esta Jornada que realmente deu a volta por cima, substituindo o pavor pela alegria.

chua violenta refrescou a cidade. O astral estava mudando: a chuva fez com que as pessoas ficassem mais calmas. Mas as outras, as energias se concentraram e uma espécie de círculo mágico ficou perfeitamente delineado. A sala de exibição estava cheia. O diretor da Jornada, Guido Araújo, foi muito feliz em deixar o melhor filme para o último dia e minutos antes da exibição de "Atualidade da Terra", um filme alegre e curioso invadiu a sala: um ano sem os dois braços, montado em enormes pernas de pau anunciando o que megalofoneou e o neo-cinema novoismo estava emergindo, dezetas de meninas pulavam e cantavam festivamente o espetáculo cirens e o "happening" tomaram conta da sala e envolveram todos num clima de alegria rara.

O espetáculo protético durou apenas alguns minutos e, ao contínuo, teve início a projeção de "Atualidade da Terra", um filme alegre e curioso invadiu a sala: um ano sem os dois braços, montado em enormes pernas de pau anunciando o que megalofoneou e o neo-cinema novoismo estava emergindo, dezetas de meninas pulavam e cantavam festivamente o espetáculo cirens e o "happening" tomaram conta da sala e envolveram todos num clima de alegria rara.

Continua a sucessão de exposições na cidade. Três delas, entre outras, merecem os apontamentos que se seguem. Já que envolvem artistas sensíveis em busca de novas dimensões: as desenhistas Giselda Leirner e Simone-Marie e o pintor Helenos. Em seus trabalhos vamos encontrar aspectos positivos ou não, prevalecendo de qualquer forma a preocupação maior de acertar ou criar, que não pode deixar de ser levada em conta, mesmo que eventualmente não tenham a concordância de todos.

Artista que não se modifica, estagna: e aquele que está sempre alterando seu comportamento de trabalho, perde-se. Muito comum esse comentário na área das artes. Mas ambas as situações podem perfeitamente ficar caracterizadas e nem por isso os seus autores entram na perigosa faixa do descreído, ainda que momentâneo.

Obvio o absoluto direito do artista, seja lá que rano exercer, de permanecer, transformar ou radicalizar a sua atividade. A ditadura na arte ainda não vigora, salve! E muito menos o julgamento mofado de cada cabeça uma sentença para forçar o artista a tomar uma direção imposta.

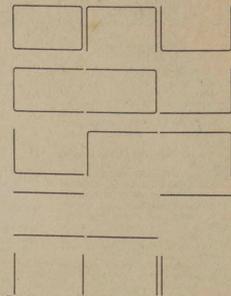
Tal colocação serve para justificar ou confirmar minha estranheza ou surpresa diante da obra agora geométrica que Giselda apresenta na "Globo". Não deixa de surpreender a sua decisão de abandonar o traço sensível de um desenho cuidado das melhores virtudes criativas por traços frios, sob medida. Na base do branco e vermelho.

Mas ninguém quer obstar-lhe a traça que escolheu, pelo menos de momento, com absoluta convicção. Talvez seja apenas repouso merecido, uma "pausa" em seu trabalho, como ela afirma no catálogo. Uma incursão provisória pelas linhas retas

Artes/Crítica



Desenho de Simone-Marie no "Jasmin".



Este teor os desenhos geométricos de Giselda Leirner no "Globo".

Artistas sensíveis em novas dimensões

IVO ZANINI

Continua a sucessão de exposições na cidade. Três delas, entre outras, merecem os apontamentos que se seguem. Já que envolvem artistas sensíveis em busca de novas dimensões: as desenhistas Giselda Leirner e Simone-Marie e o pintor Helenos. Em seus trabalhos vamos encontrar aspectos positivos ou não, prevalecendo de qualquer forma a preocupação maior de acertar ou criar, que não pode deixar de ser levada em conta, mesmo que eventualmente não tenham a concordância de todos.

Artista que não se modifica, estagna: e aquele que está sempre alterando seu comportamento de trabalho, perde-se. Muito comum esse comentário na área das artes. Mas ambas as situações podem perfeitamente ficar caracterizadas e nem por isso os seus autores entram na perigosa faixa do descreído, ainda que momentâneo.

Obvio o absoluto direito do artista, seja lá que rano exercer, de permanecer, transformar ou radicalizar a sua atividade. A ditadura na arte ainda não vigora, salve! E muito menos o julgamento mofado de cada cabeça uma sentença para forçar o artista a tomar uma direção imposta.

Tal colocação serve para justificar ou confirmar minha estranheza ou surpresa diante da obra agora geométrica que Giselda apresenta na "Globo". Não deixa de surpreender a sua decisão de abandonar o traço sensível de um desenho cuidado das melhores virtudes criativas por traços frios, sob medida. Na base do branco e vermelho.

Mas ninguém quer obstar-lhe a traça que escolheu, pelo menos de momento, com absoluta convicção. Talvez seja apenas repouso merecido, uma "pausa" em seu trabalho, como ela afirma no catálogo. Uma incursão provisória pelas linhas retas

VENCIMENTO SINFÔNICO MARINHEIRO FOI ANTECIPADO.

EXCEPCIONALMENTE, SÁBADO E DOMINGO. AS ASSINATURAS PARA SEGUNDA-FEIRA VALEM PARA DOMINGO. sábado, 16, e domingo, 17, às 21:00 horas

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO diretor artístico: Eleazar de Carvalho

STRAUSS - D. Juan STRAUSS - Burlesque em Ré Menor para Piano e Orquestra solista: Alexander Jenner

SCHUBERT - Sinfonia nº 5 em Si Bemol Maior regente: Volker Wangerheim

TEATRO CULTURA ARTÍSTICA - Rua Nestor Pestana, 246. Ingressos avulsos: sábado, Cr\$ 15,00; domingo, Cr\$ 40,00 - à venda na bilheteria do teatro, das 13 às 17 horas.

SECRETARIA DA CULTURA, CIENCIA E TECNOLOGIA. Governo do Estado de São Paulo Desenvolvimento para Todos.